

## ANTÔNIO ROSENO DE LIMA, FOTÓGRAFO E PINTOR

Geraldo Porto \*

*Arte é a infância reencontrada: o olho limpo, a alma nobre, o desejo alerta, o apetite do mundo. (Hélio Pelegrino)*

O fotógrafo e pintor **ANTÔNIO ROSENO DE LIMA**, imigrante nordestino, viveu seus últimos vinte anos na Favela Três Marias em Campinas, onde o conheci em 1988. É como artista plástico que eu relato as minhas impressões sobre a obra desse artista cujos vizinhos da favela pensavam que era meu irmão, porque achavam-nos parecidos.

A primeira vez que eu vi seus quadros foi em uma exposição coletiva de artistas primitivistas no Centro de Convivência Cultural de Campinas, em 1988. Fiquei impressionado com a singularidade de sua pintura e logo desejei conhecer o seu criador. Tive naquele instante a certeza de estar diante de um artista raro. Num dos quadros estava escrito:

ESTE DESENHO FOI FUNDADO EM 1961

PINTOR ANTÔNIO ROSENO DE LIMA. FOTO SANTO ANTÔNIO.

Qual a origem desta tão crua e estranha expressão artística? Para analisar melhor o quadro, virei-o para ver o seu verso, tentando compreender aquela estranha pintura. Fiquei mais impressionado ainda com tantas coisas escritas: um calendário absurdo, orações, listas de invenções, um bilhete, datas de fundações de hospitais e cidades, tudo isto escrito no verso da pintura. Eu estava diante de um autêntico *artista bruto*, um raro *outsider*. Pela minha intuição eu acabara de descobrir um artista singular e original.

As suas pinturas destacavam-se da mediocridade “primitivista” e adocicada dos outros quadros da exposição, aquelas conhecidas “pinturas

---

\* Professor do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da UNICAMP. Artista plástico, iniciou sua pesquisa com arte bruta com a realização do vídeo "Museu da Imaginação", em 1988.

primitivas” que fazem sucesso entre os colecionadores estrangeiros de *arte ingênua* e *pintura naif*.

Procurei informações sobre aquele intrigante artista e disseram-me que era um velhinho favelado cuja mulher aparecia ali, de vez em quando, com uma sacola cheia de quadros pintados sobre latas de óleo, insistindo em expor.

Impressionado com tudo, peguei o endereço e fui até a favela. Chegando ao barraco, fiquei emocionado com o que vi: um senhor simpático e maltrapilho, parecendo um mendigo, vestindo uma blusa de lã imunda, cheia de buracos, pintando no interior do barraco. Um cenário caótico, um dos lugares mais pobres em que eu já havia entrado na vida, paredes de retalhos de madeiras podres caindo, chão de terra cheio de buracos que abrigavam bichos, restos de móveis quebrados, lixo pelos cantos, quadros, pinturas, desenhos e fotografias despencando pelas paredes e no meio daquela sujeira alguns gatos, cachorros sarnentos e galinhas compunham uma inesquecível cena.



Eu fui, então, a primeira pessoa que se interessou em comprar um quadro seu, após persistentes vinte e oito anos desenhando e pintando. Ele pedia entre dez e trinta cruzeiros por cada quadro. Mesmo tão barato, ele me disse que nunca conseguira vender nenhum quadro. Comecei então a comprá-los, levar à favela pessoas interessadas e divulgar o seu trabalho.

Em 1991 mostrei os quadros para o galerista Ricardo Trevisan e organizei a sua primeira exposição individual, na galeria de arte contemporânea Casa Triângulo, em São Paulo. A exposição foi um grande sucesso e Antônio conquistou os seus quinze minutos de fama. A **Folha Ilustrada** dedicou-lhe toda

a sua capa. O jornal **O Estado de S. Paulo**, o jornal da Rede Globo e o programa **Metrópolis** da TV Cultura dedicaram seus espaços mais nobres para a primeira exposição de Antônio. Ele nunca havia entrado numa galeria de arte e sentia-se constrangido.

Depois dessa primeira exposição, organizei outras, e seus trabalhos passaram a ser admirados e comprados. Suas pinturas passaram a valer entre cem e duzentos dólares e Antônio passou a receber no seu barraco artistas, jornalistas, equipes de televisão e pessoas interessadas em comprar suas obras, tornando-se mais respeitado pelos moradores da favela e pelos comerciantes do bairro. Ele se alegrava quando aparecia na televisão, os seus vizinhos comentavam e ele se tornava uma celebridade da favela.

Durante dez anos eu visitei Antônio e levei pessoas à favela para conhecê-lo, criando assim a admiração pelo seu trabalho, o reconhecimento público e a preservação de sua obra.

Antônio chorava muito. Chorava quando eu lhe convidava para expor os seus quadros, chorava quando ouvia a leitura do jornal falando dele mas também sorria e sonhava. Sonhava em *“voar como um passarinho para conhecer o mundo inteiro”* e escrevia este verso nos seus quadros.

### **Vida de artista**

Antônio Roseno de Lima nasceu em Alexandrina, Rio Grande do Norte, em 22 de junho de 1926, de onde saiu com 30 anos, em 1956. Seu pai, Roseno Vicente de Lima, trabalhava com burro de carga, vendendo farinha de mandioca, rapadura e banana. Família de 5 irmãos, desde pequeno começou a trabalhar, fazendo gaiola, pilão de madeira e colher de pau.



Roseno Vicente de Lima, pai de Antônio Roseno de Lima

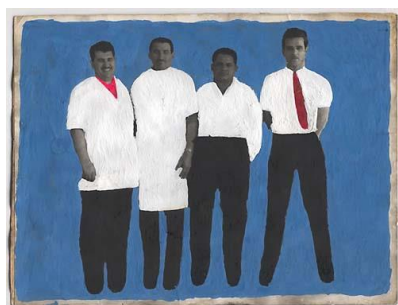
Aos 22 anos saiu da roça e foi para a cidade pela primeira vez, onde aprendeu a fazer doces com a madrinha doceira.

Casou-se com a primeira namorada, Cosma, uma jovem negra com quem teve cinco filhos. Com a ajuda de Cosma e dos filhos fazia pães, doces e fósforos para vender. Após 8 anos de casado e o quinto filho na barriga da sua mulher Cosma, abandonou a família para tentar a sorte na cidade grande de São Paulo. Deixou para eles um baú de dinheiro, que só foi aberto anos depois e ainda assim permitiu que se comprasse uma casa para a família, conforme conta Salatiel, seu filho mais velho e fotógrafo profissional como o pai. Salatiel hoje vive com sua família na casa que foi de Antonio e Soledade, segunda mulher deste.



Em São Paulo Roseno trabalhou muito, ganhou algum dinheiro e conheceu Soledade, sua companheira por quarenta anos, com quem fazia enormes panelas de doce para vender na Estação da Luz durante anos.

Em 1961, aos trinta e cinco anos de idade, fez um curso de fotografia e desenho de dois meses com um “professor espanhol”, como dizia, no bairro da Liberdade em São Paulo. Fez os primeiros desenhos e as primeiras fotografias mas continuou fazendo doces para sobreviver. Começou então a fotografar crianças, aniversários e casamentos, iniciando, assim, a sua nova profissão de fotógrafo profissional.



O “professor espanhol”, à esquerda, com quem Roseno fez um curso de fotografia e desenho.



Em 1962 veio para Indaiatuba, no interior de São Paulo, onde continuou a fotografar casamentos, acidentes de automóvel para laudos, retratos 3x4, e a fazer doces, ficando até 1976, quando, falido, teve de se mudar para a favela das Três Marias no km 103 da Rodovia Anhangüera, onde viveu até sua morte em junho de 1998.



Viveu anos nesse barraco, dormindo à custa de remédios, com hipertensão, diabete, sem luz elétrica, entre amontoados de papéis velhos, latas, pinturas e bichos, onde improvisava uma venda de doces, pinga e cigarro.

Antônio pintava todos os dias, e trabalhava em série. Pintava a mesma figura repetidas vezes. Quando gostava de um desenho, recortava-o em lata para poder repeti-lo outras vezes. Não vendia certos quadros que seriam modelo para outros. Pintava em série, repetindo muitas vezes a mesma figura. Quando fazia frio ele preferia trabalhar com lã, tecendo um ponto de tapeçaria que inventara. Pintava sobre latas de leite em pó para presentear os amigos como porta-jóias. Usava materiais precários, pintando numa mesa abarrotada de objetos.

Junto com Soledade, lutou com a pobreza, a “doença dos nervos” e a diabete. Sobrevivia tomando remédios de amostras grátis, vendendo doce, pinga e cigarro no seu barraco, fotografando, pintando, cuidando dos seus bichos e mantendo um sorriso de bom humor e amizade pelos vizinhos que o visitavam. Ele ouvia todos os dias a **Hora Do Brasil** e o **Jornal Nacional**, lutava pelo reconhecimento de seu trabalho e sonhava em voltar para a sua terra.

## **Soledade, a companheira solidão.**

Pintados sobre dois corações cuidadosamente decorados, aparecem em muitas pinturas de Roseno os seguintes versos:

“FUI UM HOMEM QUE NUNCA TIVE AMOR NA VIDA” e

“QUERIA SER UM PASSARINHO PARA CONHECER O MUNDO INTEIRO”.

Conversando com ele sobre essas frases que repetia nos quadros, ele insistia: “Eu nunca tive um amor na vida”. Perguntado sobre a sua mulher, Soledade, com quem já convivia há 40 anos; ele respondia com um profundo silêncio.

Soledade, como Antônio, uma imigrante nordestina, nasceu em 14 de março de 1914, em Serra Branca, Pernambuco, perto da Serra do Araripe. Ela contava que se casou com 14 anos, na Paraíba, com um lavrador de 16 anos com quem teve 3 filhos, sendo que o primeiro morreu na barriga aos sete meses de gestação, o segundo foi batizado e morreu em seguida e o terceiro sobreviveu seis meses e também morreu.



Oito anos de casada e o marido foi embora com outra. Ela ficou cuidando da roça de algodão, milho, feijão e arroz, que comprara dele. Um ano depois da partida do marido, vendeu a casa e a roça e veio tentar a vida em Alvorada do

Sul, no Paraná, numa viagem de 12 dias na carroceria de um caminhão “pau-de-arara”.

Trabalhou durante meses lavando roupa sem receber nada. Fugiu para São Paulo, desejando voltar para o Nordeste mas arranhou um emprego de doméstica e acabou ficando na capital. Alugou um quarto na Avenida Tiradentes e começou a “trabalhar por conta”, lavando roupa e vendendo armarinho, quando conheceu Antônio, “no ano da morte de Getúlio Vargas”, contava.

Soledade cuidou de Antônio como do filho que não conseguiu ter.

Mulher forte, valente, falante e organizada, ela foi a primeira presidente da Associação de Moradores da favela e líder respeitada na favela. Construiu sua própria casa de alvenaria com “a cara e a coragem” e depois da casa pronta, teve que lutar para que Antônio abandonasse o seu velho barraco de madeira para morar com ela e dormir na mesma cama de casal.

Soledade e Antônio brigavam, mas eram companheiros e amigos, preocupando-se sempre um pelo outro. Mas Antônio continuava a escrever nos quadros:

*“Fui um homem que nunca tive amor na vida”.*

Soledade elogiava Antonio e dizia:

*“Antônio nunca bebeu nem fumou. Ele adora é fotografia. Ele tem 14 profissões: faz perfume, fósforo e brilhantina, faz doce, pó de arroz e creolina, faz colher de pau e gaiola. Ele faz o diabo...”*

*“Toda a vida ele foi mão-aberta. Nunca comprou um sapato pra mim. Ele comprava logo é dois ou três. Tudo o que ele compra de comer ele guarda pra mim, tudinho.”*

*“Quando eu viajo, na volta, Antônio me vê descendo do ônibus, chora e diz: Graças a Deus! Deus seja louvado! Soledade voltou...”*

## **Foto Santo Antônio**

A pintura de Antônio Roseno aparece com a sua fotografia. As poses frontais e estáticas dos seus retratos pintados são as mesmas poses das suas

fotografias comerciais. As suas primeiras pinturas foram fotografias em branco e preto coloridas à mão.



Ele começou a trabalhar profissionalmente como fotógrafo em São Paulo no seu estúdio, na rua Santos Dumont, o **FOTO SANTO ANTÔNIO**. Quando veio para Indaiatuba, anos depois, continuou com o estúdio e com o mesmo nome. Mesmo após ter falido, continuou escrevendo o mesmo nome comercial, **FOTO SANTO ANTÔNIO**, nas suas pinturas.



No dia do seu aniversário de 63 anos colocou terno e gravata e fotografou as crianças da favela, as pombas do Largo do Rosário e os amigos. Usava tripé e disparava com cuidado. Eu percebia nos seus gestos o fotógrafo profissional cuidadoso e orgulhoso da sua profissão. Ele pintava a partir das suas fotografias e colecionava imagens de revistas, jornais e embalagens para fotografar, desenhar e pintar.





Ele foi chamado pelos jornalistas de “pintor pop da favela”, porque seus quadros misturavam imagens, fotografias, propagandas e palavras como nos cartazes comerciais. A *pop art* dos artistas plásticos norte-americanos dos anos sessenta inspirava-se, também, na propaganda, mas Antônio Roseno não conhecia este e nem outros movimentos artísticos. Gostava, porém, de fazer propaganda para divulgar os seus quadros. Queria ver sua pintura nos *outdoors* da cidade e perguntava-me como realizar isso. Pediu-me para fazer a exposição de seus quadros em frente ao Campo do Guarani, num domingo de jogo decisivo no principal estádio de futebol de Campinas. Ele ia aos jornais pedir para mostrar os seus quadros e presenteava o porteiro com quadros na esperança de conseguir divulgação. Quando tinha estúdio de fotografia distribuía santinhos com sua própria foto numa cédula de dinheiro para propaganda de seus serviços fotográficos.



Com o sucesso da exposição em São Paulo, uma tevê alemã realizou matéria sobre ele, mostrada na Europa durante a exposição **Documenta de Kassel**. A **Folha de S. Paulo** recomendou a sua exposição como uma das melhores da temporada. Quando ele morreu em 1998, pobre e doente, uma grande parte dos seus trabalhos estava em coleções de arte no Brasil e no exterior e outra grande parte jogada no lixão pelo caminhão da prefeitura chamado pela família para limpar a casa.



Roseno morto, fotografado por Salatiel, seu filho mais velho e fotógrafo profissional como o pai.

**“Este desenho foi fundado em 1961.”**

Antônio interessava-se pela invenção e fundação das coisas. A criatividade humana que inventa, cria, funda, inicia, descobre, é, para mim, o centro da sua preocupação poética.

Ele escrevia nos quadros: “*Este desenho foi fundado em 1961*” com cores fortes, referindo-se ao início da sua obra de desenho, pintura e fotografia, com o tal “professor espanhol”, em São Paulo.

Ele também colecionava informações sobre invenções, dos livros, revistas e almanaques. Não sabendo ler, pedia a um vizinho para ler em voz alta e anotar no seu caderno, depois xerocava e colava as informações nos quadros:



“O HOSPITAL VERA CRUZ FOI FUNDADO EM 1843 / PIRACICABA TEM 220 ANOS / O NAVIO FOI FUNDADO EM 1917 / O JAPONÊS VEIO AO BRASIL EM 1908 / A GASOLINA AUMENTOU PARA 3 CRUZEIROS DIA 24 DE FEVEREIRO / O GATO DEU CRIA DIA 3 DE MARÇO / O CIGARRO SUBIU PARA 250,00 DIA 23 DE MAIO”

Ele datava tudo o que realizava, anotando o dia, mês e ano. Também assinava sempre, colocando o endereço, telefone de recado e as suas profissões de **PINTOR E FOTÓGRAFO**.

Enumerava as datas de fundação dos hospitais da cidade, nos quais esteve internado várias vezes; do Pronto Socorro Municipal do Hospital Mario Gatti, onde são atendidos os pobres, ele colocava até o telefone de emergência.

“PIRACICABA TEM 221 ANOS / RECIFE TEM 451 ANOS / SOROCABA TEM 334 ANOS / SANTA BÁRBARA D’OESTE TEM 174 ANOS / CAMPINAS TEM 214 ANOS / SÃO PAULO TEM 435 ANOS / INDAIATUBA TEM 153 ANOS / BRASÍLIA FOI FUNDADA EM 1960 / ALAGOAS EM 1839 / APARECIDA DO NORTE EM 1848 / O AVIÃO SAIU EM 1906 / O CARRO SAIU EM 1800 / O NAVIO SAIU EM 1917 / O RÁDIO EM 1917 / O PAPEL EM 1876 / O

PETRÓLEO FOI DESCOBERTO EM 1853 / A ESTRADA DE FERRO DE MINAS GERAIS EM 1789 / A ESTRADA SANTOS-JUNDIAÍ EM 1856 / A CPFL (CIA PAULISTA DE FORÇA E LUZ) FOI FUNDADA EM 1812 / A ESTAÇÃO DE CAMPINAS EM 1984 / A ESTAÇÃO DE AMERICANA EM 1912 / O FÓSFORO SAIU EM 1955 / A MÁQUINA DE COSTURA EM 1717 / O ALEMÃO FOI QUEM DESCOBRIU A LÂMPADA / O BOSQUE DE CAMPINAS FOI FUNDADO EM 1884”

Avião, carro e navio, máquinas para viajar e “conhecer o mundo”, o combustível, as estradas e as estações do viajante imaginário. Essas absurdas informações vão-se ordenando ao penetrarmos na visão poética de Antônio Roseno. Avião, navio, trem, carro, estradas, petróleo e estações encaixam-se numa espécie de *Guia Imaginário para Viajantes*. Viagens simbolizam movimento, transformação, a imaginação e a própria vida. Antônio na sua imaginação voava como um passarinho, e Santos Dumont era o seu maior ídolo, o “pai da aviação”, inventor do avião, a máquina de voar. Ele sonhava em voar num avião, conhecer o mundo e depois voltar para a sua terra natal. Sonhando em viajar pelo mundo, fotografava, desenhava e pintava aviões, trens, navios, automóveis, ônibus, carroças e carros-de-boi.



A lâmpada, a Companhia Paulista de Força e Luz e o fósforo são fontes de luz para a sua pintura; fogo para a vela e o fogão, e o fósforo, o produto da sua fábrica caseira. A máquina de costura é um símbolo da indústria caseira, a máquina de sobrevivência dos pobres. Roseno, desde criança, criava, construía, fabricava. Como ele dizia, fazia gaiola, colher de pau e brinquedos, fósforo, pão, doce, pó-de-arroz e brilhantina, depois a fotografia, o desenho e a pintura.

Pelo rádio, uma parte do mundo que sonhava em “conhecer como um passarinho” entrava no seu barraco. O papel é a bonita cédula de dinheiro que ele transformava em quadro emoldurado e também o papel fotográfico que manipulava no laboratório, o suporte para a sua poética revelada no estúdio de fotografia e também a cartolina comum em que desenhava com caneta bic.



## Os temas

Os temas mais freqüentes na pintura de Roseno são a onça, a vaca, o galo, Santos Dumont, o bêbado, os auto-retratos e os presidentes.



Ele possuía uma enciclopédia popular de três volumes encadernados, recebida de um vizinho que dele comprou pinga e cigarros, não pagou e deixou os livros por garantia. Dessa enciclopédia ele tirou os presidentes, a sereia, alguns animais e invenções da humanidade. Ele pensava que todos os grandes homens da enciclopédia fossem presidentes. Assim, poetas, navegantes e inventores transformavam-se em presidentes, como Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Padre Anchieta, Martim Afonso e outros.



Ele pintou conjuntos de onças dentro de outras onças, listradas, em cadeiras, latas e papéis. A onça pode ser interpretada como uma espécie de esfinge a ser vencida e decifrada, doadora ou aniquiladora da vida.

A vaca ele representava com uma imagem infantil de história em quadrinhos ou como um mapa de corte de carne no açougue, com o título: “A vaca é a mulher do boi.”

Além da onça, da vaca e do galo, outros animais aparecem na sua obra. Para o especialista em arte bruta Dr. João Frayze-Pereira, Roseno organizava os animais em casais, mas pintava o animal solitário, como ele, casado com Soledade, a solidão. Para Frayze-Pereira, é apenas pelas palavras escritas nos quadros - “A VACA É A MULHER DO BOI; O BOI É O MARIDO DA VACA. O GALO É O MARIDO DA GALINHA. A GALINHA É A



MULHER DO GALO.” - como legendas para as imagens dos animais, que Roseno vinculava sexualmente um indivíduo ao outro.

Os animais, segundo Zelia Coelho Frota, simbolizam a “Idade do Ouro”, anterior ao intelecto humano em que as forças cegas da natureza, sem estar submetidas ao logos, possuíam condições extraordinárias. O animal representa o infra-humano instintivo e o inconsciente. Para o crítico de arte Antônio Gonçalves Filho *“Roseno sofria a nostalgia de um mundo mítico, ancestral, dominado pela força selvagem da onça, pelo poder da música produzida por Sereias, pela potência sexual do galo e pela virilidade do Pai Bíblico, eternizado no Chefe da Nação, o presidente”*.

Eu me impressionava com a relação de Antônio com os animais. Alguns gatos dormiam com ele em sua própria cama. Soledade também conversava com os animais tratando-os com carinho.



## As mulheres

Antônio era galante, adorava a mulheres bonitas e fotografou muitas mulheres. **A Mulher é a esposa do homem** é uma pintura sua onde uma mulher com roupas íntimas tem o nome de Alexandrina, que é o mesmo da cidade onde nasceu.

A **Sereia do Mar e Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil** são as mulheres que homenageou. A sereia é uma rainha das águas e do mar, mulher sensual, bonita e misteriosa. Nossa Senhora Aparecida é a mulher negra, Rainha dos pobres e infelizes do Brasil. A Mulher como a primordial proteção, o paraíso perdido, o amor feminino e maternal representado por imagens divinas, protetoras e sensuais.



Soledade, sua mulher, no entanto, não satisfazia o seu sonho de amor ideal, mas era ela que sustentava a sua vida concreta, trabalhando na casa e cuidando do cotidiano. Ele desenhava, pintava, fotografava e reclamava muito dela. Ela construía, plantava, colhia, vendia,



cozinhas, lavava, passava. e reclamava dele. Ela tinha vergonha quando chegava uma visita no barraco imundo de Antônio. A casa que ela construiu na mesma rua era limpa e organizada mas ele sonhava e projetava casas ideais e edifícios modernos.

Entre os inúmeros retratos que pintou, **Santos Dumont**, os **auto-retratos** e o **Bêbado** são os mais frequentes. Pintando auto-retratos desejava o reconhecimento. Publicava o seu rosto identificado e distribuía com o endereço carimbado como propaganda do seu estúdio fotográfico.



O **bêbado**, de olhos duplicados, é inspirado numa antiga gravura dos bares que brincava com o olhar do bêbado que multiplica as imagens. Os olhos repetidos embaralham a nossa visão num truque para enganar e divertir: a vista confusa ou confusão à vista. Ele pintou tantos bêbados que ficou sendo o seu trabalho mais conhecido e a sua marca registrada.

### **Identidade repetida**

Soledade dizia: “Antônio sofre dos nervo”. Um diagnóstico médico classificou-o de demente e esquizofrênico.

Ele pintava quase todos os dias, produzia muito e Soledade dizia: “se ele parar de pintar, logo adoecer”. Era um catador e guardador compulsivo de tudo. Recolhia e guardava no seu barraco enormes pilhas de papéis velhos, latas usadas, restos de madeiras, embalagens etc.

O trabalho solitário de Roseno parece obra da loucura: os escritos absurdos nas pinturas - a obsessão com as fundações e invenções, o calendário sem dias, os presidentes que nunca existiram. Esse caos ordena-se quando nos aproximamos da obra e intuímos uma ordem poética, um desejo de expressar uma fantasia, compreender a origem das coisas criadas e uma grande necessidade de reconhecimento. Ele tentava criar um inventário das origens das coisas.

Depois das reportagens onde aparece como favelado, analfabeto e doente, imagens negativas, ele sentiu uma necessidade de expressar sua inteligência e passou a escrever com letras grandes em seus novos quadros: “SOU UM HOMEM MUITO INTELIGENTE”.

“Apesar da sua doença dos nervos, Antônio não quer ser tratado como louco”, dizia Soledade, que o acompanhava sempre nas internações em hospitais públicos para tratar da “doença dos nervos”. Ela dizia: “Antônio sobrevive às custas de 5 tipos de remédios, mas ele não gosta de falar de suas doenças e detesta ser chamado de doente”, insistia Soledade.



Roseno não sabia ler, mas sabia fazer contas, contar dinheiro e controlar os aumentos dos preços das coisas que vendia no barraco. Nunca falava que não sabia ler nem escrever. Disfarçava, tentando ler o que escrevia nos quadros, mas não conseguia.

Porque escrevia tanto nos seus quadros? Pintava letra por letra contornando a figura central como num cartaz comercial. As palavras eram juntadas ou separadas de uma forma insólita, tornando difícil a leitura. As palavras podiam iniciar em baixo, em cima, do lado, atrás ou entrar nas figuras.

Ele repetia o seu nome, sua assinatura e as suas profissões centenas de vezes nas aparas de cartolina que sobravam dos desenhos. Parecia estar afirmando o seu nome e confirmando a sua identidade porque assinar o nome e ter uma profissão é a condição para a integração social fugindo da exclusão e da marginalidade.

## **O bilhete**

Em todos os seus quadros, Antônio Roseno anexava um pequeno bilhete com a seguinte mensagem:

“PARA COMEÇAR FAZER O DESENHO PRECISA: LÁPIS, CANETA, ALGODÃO, QUEROSENE, THINER, GASOLINA, PINCEL, RÉGUA, TESOURA, GIZ, PAPEL, SODA CÁUSTICA, FOGO, PREGO, TRABALHO, MADEIRA, TINTA. SERROTE, MESA, CASA, CADEIRA. PARA FAZER ESSE DESENHO FICA MUITO CARO. QUEM PEGAR ESSE DESENHO GUARDE COM CARINHO. PODE LAVAR; SÓ NÃO PODE ARRANHAR TENDO ZELO, ATURA MEIO SÉCULO, E FICA PARA OS FILHOS E NETOS”.

Esse bilhete parece um *Manual de Instrução* ou uma pequena mensagem poética descartável, feita para ser jogada após a leitura. Descreve vinte e um elementos necessários para a sua arte. Procura não se esquecer de nada : “porque tudo isto fica muito caro”. Pede ao comprador do quadro que o trate com cuidado, pois assim o trabalho durará para os filhos e até para os netos. Ele tenta convencer o comprador do grande esforço empregado na sua criação, não

devendo ser desprezado. E Soledade lembra: “Roseno tira o dinheiro da comida para comprar papel e tinta”.

Ele relaciona os instrumentos de trabalho: LÁPIS, CANETA, PINCEL, RÉGUA, TESOURA, ALGODÃO, GIZ E SERROTE. Depois os materiais empregados: PAPEL, PREGOS, MADEIRA, TINTA. Por fim, o fogo usado para queimar as latas e acender a vela é o elemento simbólico da inventividade, a casa, proteção, e a mesa, o local da criação.

### **Arte bruta**

Penso que a obra de Antônio Roseno de Lima deve ser analisada como arte bruta. No Brasil esta arte despertou o interesse do artista plástico Flávio de Carvalho, dos críticos de arte Mário Pedrosa - que chamou-os de “artistas virgens” - e Frederico de Moraes - que apresentou Arthur Bispo do Rosário na Bienal de Veneza -, e da pioneira terapeuta junguiana Nise da Silveira, entre outros.

A XVI Bienal de São Paulo, em 1981, apresentou uma grande exposição internacional e chamou-a de “Arte Incomum”. Victor Musgrave, o curador da mostra, chama-os também de *outsiders* e esclarece: “*eles não podem ser rotulados, pois cada um deles é único e não se situam à margem da arte mas em seu próprio centro, exatamente à beira da fonte da criatividade. ...eles criam em transe poético, um estado criativo de total absorção em si mesmos, de total obscurecimento do mundo exterior. ... sintonizados apenas com o impulso interior que os move à criação, ligados apenas em si mesmos, daí a notável singularidade de suas obras*”.

Jean Dubuffet refere-se a eles como “*indivíduos sem condicionamento cultural, sem assistência profissional e sem conhecimento das tradições e da história da arte, que realizam uma operação artística quimicamente pura*”.

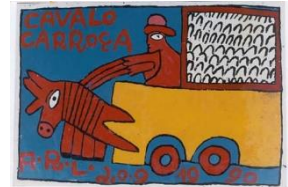
João Frayze-Pereira, articulando Jean Dubuffet, Michel Thevoz e Annateresa Fabris, tem uma compreensão precisa e poética do “artista bruto”: “*Com suas obras, esses artistas provam o significado vital que tem para eles a*

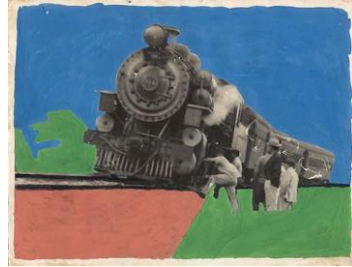
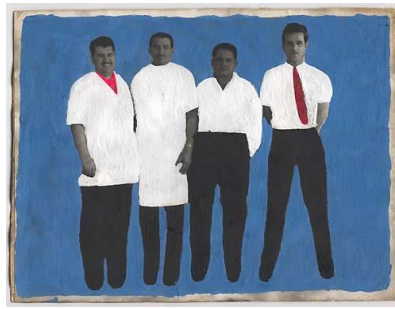
*atividade plástica: o que importa é imprimir no mundo a sua própria mensagem, de qualquer maneira, em qualquer suporte, independentemente de ser esta reconhecida como arte ou não. E é aí, que inspirada, bem próxima à mania e ao delírio, a arte atinge seus melhores momentos, isto é, quando ela esquece como se chama”.*

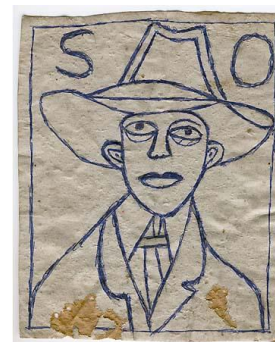
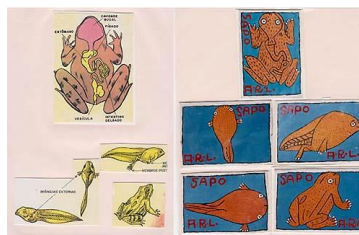
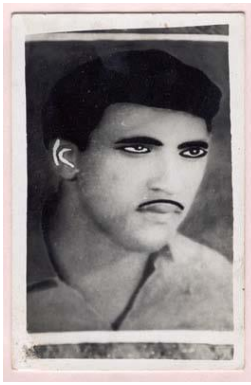
Considero Antônio Roseno um artista *outsider*, pela originalidade do seu processo criativo. Sua criatividade desconhecia limites entre fotografar, pintar ou escrever. Analfabeto, ele escrevia; fotógrafo, ele pintava; pintor, ele tecia. Pintava “para não ficar doente”. Perguntei-lhe por que pintava tantas vacas. Ele respondeu-me : “Porque eu gosto muito de leite”. E Soledade, ao lado, confirmava: “Antônio adora leite”. Ele pintava do seu próprio modo, com os seus materiais originais e apenas o que gostava. Sobre a repetição de temas ele respondia: “É porque eu gosto, viu? Porque eu acho bonito, viu?”.

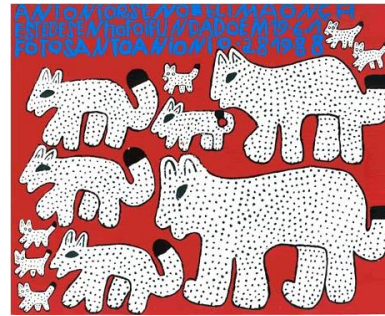
# Galeria













## **Bibliografia**

GONÇALVES FILHO, Antonio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, abril, Caderno 2. 1996.

MUSGRAVE, Victor. **Catálogo de Arte Incomum da XVI Bienal de São Paulo**. São Paulo : 1981.

FRAYZE-PEREIRA, João. **Olho d'água**. Arte e loucura em exposição. São Paulo : Ed. Escuta. FAPESP, 1995.

FROTA, Lélia Coelho. **Mitopoética de nove artistas brasileiros**. Rio de Janeiro : Ed. Fontana, 1975.

THÉVOZ, Michel. **L'art brut**. Colection La Peinture. Genève : Ed. Skira-Flammarion,1980.

PORTO, Geraldo. Antonio Roseno fotógrafo. **Revista Papparazzi**, São Paulo, Ano 1, nº 2, novembro, 1995.